



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
GABINETE DO REITOR  
COMISSÃO DA VERDADE

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevista realizada em:** 24.5.2013

**Hora:** 14h30min.

**Local:** Sala de reuniões do Gabinete da Reitoria

**Entrevistados:** José Willington Germano

**Responsável pela transcrição:** Edilson Pedro Araújo da Silva (bolsista)

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Agora eu quero fazer outra “aula da saudade aqui”, para fazer o registro que ele chegou agora. Que eu o conheci Willington, eu era médico em Assú e ele era mais novo ainda que Alfredo...

[Risos]

**Carlos Gomes:** Muito bem, professor José Willington Germano... Professor Ivis, fique à vontade pra fazer a sua saudação.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Pois é, eu já fiz aqui a parte afetiva, porque eu como criança, esse aqui eu conheci adulto. E aí eu tive que fazer esse registro também o seu. Eu o conheci realmente criança lá em Assú. Criança mesmo! E era. E acompanhei... E acho que foi de uma contribuição muito grande pro o nosso trabalho aqui na Comissão da Verdade, e eu me sinto muito satisfeito com isso... A gente esperou isso também muito ansiosamente. Você foi citado aqui várias vezes por seus

contemporâneos dos bancos escolares e do magistério. E eu tive o privilégio de acompanhar sua carreira não só como professor, mas como companheiro na ADURN, da qual eu me afastei quando me aposentei, mas que acompanho de longe. É um prazer tê-lo aqui.

**José Willington Germano:** Muito obrigado.

**Carlos Gomes:** Professor Willington, o senhor fique a vontade pra narrar, porque o nosso interesse aqui corresponde aos acontecimentos presenciados no âmbito da Universidade. Entretanto, qualquer fato relevante mesmo extra Universidade, o senhor pode contar, inclusive a sua militância na política estudantil, mesmo antes da Universidade, se é que houve. Então fique à vontade.

**José Willington Germano:** Bom, em primeiro lugar, eu queria agradecer aqui as palavras gentis do professor Ivis, meu velho amigo. Quando ele chegou a Assú, eu era um adolescente, concluindo o Ginásio. Quero agradecer ao professor, presidente dessa sessão, e dizer que eu fico colocando aqui “colegas” da faculdade da época... Professor Antônio Spinelli, velhos amigos... Professor Almir, do CCHLA... Eu queria ressaltar a importância dessa Comissão. Um momento importante da história do país, momento importante em que a Presidente instalou essa Comissão. De forma, inclusive, atrasada com relação aos outros países da América Latina. Como Chile, Uruguai e Argentina. Os generais enfrentaram as barras dos tribunais, estão na prisão. Aqui dado o processo. Eu vou falar um pouco porque [risos] eu falo também como acadêmico, tenho livros produzidos sobre o período. Aqui na escola? Brasileira a capilaridade dos militares na esfera política é de tal dimensão que impossibilitou que os governos pós-ditadura não tivessem condições de levar adiante o processo mais sério, não é? De enfrentamento, não é? Daquele período ditatorial. E é uma coisa que nós devemos chamar a atenção é que os militares governaram esse país durante quase um quarto de século. Ninguém governou mais. Nem Vargas. E a herança que nós temos é essa, essa capilaridade, essa presença militar no aparelho de Estado, nas instituições públicas, na vida brasileira até hoje. E fizeram com até mesmo a Constituição de 1988, conservar dispositivos inadmissíveis em outros países, nos países que fizeram transição. Mas esse momento é

muito importante, vai possibilitar justamente conhecer melhor essa história. Eu acredito que a pesquisa acadêmica já produziu muita coisa, mas é claro, testemunha, depoimento como esse que ouvimos agora de Anchieta. Também contemporâneo, vai tornar possível, talvez, dar alguns passos adiante, inclusive da revisão da própria Lei da Anistia, quem sabe? A Comissão da Verdade foi prorrogada e tudo mais. Bom, eu talvez não tenha um depoimento tão rico a ser dado, assim como outras pessoas que já me antecederam, como o próprio Anchieta, mas eu quero dizer o seguinte: eu tive uma militância política, acho que a vida inteira. Começou no Ginásio, eu queria chamar atenção a esse fato. Eu fiz o Ginásio no princípio dos anos 1960, eu concluí o Ginásio em 64.

**Carlos Gomes:** Qual era o colégio?

**José Willington Germano:** No Ginásio da escola de comunidade em Assú, Ginásio Pedro Amorim. Então eu queria chamar atenção pra esse detalhe. O que era o Brasil nos anos que antecederam o golpe militar de 1964? O país vivia um processo de invenção democrática jamais vista até antes. Muitas mobilizações sociais, mobilizações no campo, ligas camponesas, sindicatos rurais, sindicatos e centrais sindicais se mobilizando no país inteiro, lutas por reformas de base e o movimento estudantil muito forte. Naquela época, quando o sujeito entrava na escola diria não somente na Universidade, ele fazia duas perguntas básicas... Se ele entrava na Universidade, por exemplo, ele apenas não tava interessado em saber da sua inserção na vida como profissional, arranjar um emprego etc., mas ele pensava no país, o que seria melhor para o país. Então nesse momento, mesmo em lugares remotos, estou me reportando aqui a cidade de Assú, onde eu fiz o meu Ginásio, havia uma intensa mobilização social, um movimento estudantil, a eleição, por exemplo, da Associação Estudantil da cidade que congregava os Diretórios Acadêmicos, os Centros Acadêmicos, os Grêmios Estudantis na época da cidade mobilizada. Então havia esse processo de invenção democrática, essa mobilização muito intensa e que eu desde o início participei. Fui um participante daqueles movimentos. Sim, os políticos reformistas em cada eleição ganhavam espaço, no Rio Grande do Norte nós temos a presença de Djalma Maranhão, a eleição de Arrais em Pernambuco etc. O PTB, cada eleição avançava. Então havia esse clima muito

grande no país que em muitas análises tendem a menosprezar, apenas rotulando de “período populista” e o “populismo com manipulação”. Eu vivi isso. E resultado: quando o Golpe estourou, eu tinha completado 16 anos, e nós participávamos de leituras organizadas num jornal chamado *Brasil urgente*, organizado pelo frade frei Carlos Josafá, esse jornal chegava a Assú e nós fazíamos leituras desse jornal, nós divulgávamos o jornal, nós escutávamos muito a rádio Mayrink Veiga, época de Brizola, e um dos colegas chamado Ozair Pessoa, que você deve conhecer, filho de dona Glorinha... Então ele enviou pra Rádio Mayrink Veiga a formação de um grupo dos onze, em Assú, na qual eu integrava. Esse grupo era formado por estudantes e por professores. Pois bem, quando estourou o Golpe, nós fomos intimados a depor, e uma parte do pessoal que veio de fora, foi humilhada... Nós viemos depor aqui em Natal, o general Estevildo, a primeira coisa que ele fez quando foi depor foi mostrar a carta que foi capturada nos arquivos da Rádio Mayrink Veiga: a formação do grupo dos onze da cidade de Assú. Aí todas as perguntas feitas por ele foram para descobrir como funcionava o grupo, quais eram os ideais etc. A maioria dessas pessoas foi absolvida, mas um deles que foi Ozair Pessoa, ele respondeu por muitos anos e teve que ir a 7ª Região Militar. Depois de muitos anos foi absolvido. Então esse foi um episódio logo depois do golpe de 64, viria ainda o AI-5 que foi em 68, que seria a “ditadura” com “D” maiúsculo. Quando ela de fato se implantou. Em seguida, eu vim pro Atheneu, conclui o Ginásio, fui fazer o curso clássico no Atheneu. E quando eu cheguei ao colégio estadual, eu frequentei uma turma do curso clássico da qual tinha figuras como Juliano Siqueira, Emanuel Bezerra, Franklin Capistrano, José Bezerra Marinho...

**Almir Bueno:** Era 1964?

**José Willington Germano:** 1965 já. Então a minha turma tinha esse perfil. Era uma turma muito politizada. Também Maurício Anízio, depois vai ser preso, torturado. E era então uma turma muito politizada e com uma boa formação cultural, no campo literário, no campo do cinema etc. E esse grupo foi responsável pela reconstrução do Diretório Estudantil Celestino Pimentel que havia sido fechado. Pós-64, figuras como Gileno Guanabara e outros. Que foram perseguidos naquela época e assim por diante. Foram feitas várias mobilizações no Atheneu naquele período, mesmo embaixo de muita

repressão; uma dessas manifestações durou uma semana inteira, uma semana contra a Guerra do Vietnã, isso um movimento que depois se estendeu depois de 1968. Manifestações em todo o mundo, o que nós fizemos ainda naquela época havia também aqui no Rio Grande do Norte. A questão atuando na clandestinidade, a Associação Potiguar de Estudantes Secundários. Muitas mobilizações foram feitas, numa das quais foi essa mobilização e várias outras ganharam as ruas do Brasil e também aqui de Natal a partir de 1966. Nas lutas e mobilizações nas quais estudantes secundaristas se integravam, se engajavam etc. E as mobilizações foram crescendo. 1966, 67, até 68 que foi o ano que as mobilizações nesse país começaram no mês de janeiro, logo no mês de janeiro ocorreram mobilizações e assim foi o ano inteiro e ao final do ano. Ocorreu o AI-5. Bem, no Atheneu eu me integrei também, fiz militância, ainda que eventual no partido comunista, depois no Partido PCBR, e finalmente em 68, eu ingressei na Faculdade de Sociologia e Política. O mestre Hermano foi meu professor na faculdade, colega Alfredo foi contemporâneo, professor Antônio Spinelli: foi contemporâneo. Então, naquela época com a adoção do AI-5, a Faculdade de Sociologia era tido sempre como uma, uma coisa subversiva, não é? Então, a ideia de Sociologia como algo subversivo é o que se lecionava lá na Faculdade de Sociologia [Inaudível]. E com o ano de 68, foi um ano muito... Existia o Diretório Estudantil, o Diretório Acadêmico Josué de Casto que promovia as Semanas de Humanidades, essas semanas eram muito concorridas. Uma dessas semanas que houve os furtos de [Inaudível]. Que foi impedido de falar, havia muitas dificuldades na organização dessas semanas, e essas semanas sempre tinham o tom muito crítico, não é? Semana inteiras de debate. E afinal quando ocorreu o AI-5, mudou a direção da faculdade, e aí em fevereiro de 1969 todos sabem. Veio o Decreto-lei nº. 477. O Diretório Acadêmico foi fechado, houve uma abertura de inquérito no interior da faculdade e foi aplicado esse 477 no único estudante do Rio Grande do Norte que foi atingido por ele, que foi Rinaldo Barros, que já deve ter vindo aqui.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Já teve aqui, já.

**José Willington Germano:** Então. Nesse período as mobilizações ocorriam na faculdade, cerco militar na faculdade...

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Professor Willington, por favor, qual a razão que determinou a cassação do professor Rinaldo Barros, o senhor sabe?

**José Willington Germano:** Eu acho que era o fato dele ser presidente do Diretório...

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Pois muito bem, foi proposital a pergunta. Tinha sido o crime dele talvez tenha sido maior do que o de Anchieta em relação ao programa. Porque num panfleto que ele distribuiu, pedia a realização de eleições para o Diretório...

**Pessoa não identificada:** Ele falou isso aqui.

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Ah, falou? Bom. Pedia, pedia a realização de eleições e o famigerado e malsinado dedo duro, padre Itamar, o cassou por conta disso...

**José Willington Germano:** Então o diretor da faculdade...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Registre-se aqui para o mais novos que a faculdade ainda era agregada à Universidade, mas era...

**José Willington Germano:** Naquela época, a Fundação José Augusto, ela mantinha algumas escolas superiores, mantinha a Faculdade de Sociologia e Política, o curso de Jornalismo, mantinha o Instituto de Pesquisa Juvenal Lamartine e por algum tempo alguns cursos da área de Filosofia, de Educação. Funcionaram lá na Fundação. Então existia isso. Com o AI-5 e com o 477, mudou a direção da faculdade e assumiu o padre Itamar de Souza, professor de Teoria sociológica, e foi ele que instalou esse inquérito e decorrente dele houve a aplicação do 477 em Rinaldo Barros que era então presidente do Diretório Acadêmico Josué de Castro, que era o nome mal visto, um cientista que travou da fome... Mas eu quero dizer que a faculdade fez muitas mobilizações sim, se integrou as mobilizações do Diretório Estudantil, que implementou a Central dos Estudantes, a faculdade sofreu cerco policial por várias vezes. Funcionava na Rua Jundiá. Até que o fim de 1968, eu lembro muito bem, que eu participei de uma reunião,

de uma assembleia, a sede do Diretório Central dos Estudantes da UFRN que funcionava na Av. Deodoro, ali quase em frente ao Nordeste. Ali era o Diretório Central dos Estudantes, era o Restaurante Universitário. E ali se faziam as assembleias, que o presidente era Jonatam Miranda, estudante de Medicina. Eu lembro muito bem que eu estava numa reunião à noite, quando chegou uma pessoa e disse justamente que havia sido decretado o AI-5. Aí houve de fato, muita gente, houve uma verdadeira diáspora. Foi um momento em que uma parte desse grupo que fazia movimento estudantil aderiu à luta armada. Isso não aconteceu comigo, talvez pela minha compreensão física, talvez pelo meu perfil psicológico [risos], ninguém me convidou para aderir. Mas todos os meus mais próximos, de diferentes organizações, os principais, eles aderiam à luta armada: Nuremberg Borges de Brito (que hoje é falecido), Maurício Anísio, Juliano Siqueira, Luciano Almeida, vários outros... Todas essas pessoas eram do meu círculo de muita proximidade e mesmo que militassem em organizações diferentes, fazíamos parte do movimento estudantil, fazíamos parte da mesma sala de aula... Todo esse grupo migrou e entrou na luta armada. Alguns deles foram mortos, como é o caso de Emanuel Bezerra, como e o caso de Silton Pinheiro. Outros foram barbaramente torturados, Ricardo Nuremberg Borba de Brito, estudante de Engenharia, talvez tenha falecido em virtude das torturas sofridas, morreu novo, sofrido na prisão, é uma hipótese. Na Faculdade de Sociologia, eu fui encontrar pessoas como Alfredo, como Jaime Ariston, como Antônio Spinelli, uma nova configuração. Pois bem, eu concluí meu curso de Sociologia...

**Carlos Gomes:** Qual ano, professor?

**José Willington Germano:** 1971.

**Carlos Gomes:** Não chegou a perder nenhum ano, não?

**José Willington Germano:** Não. Cheguei não. Não sofri perseguições? [Inaudível]. Então, não cheguei a perder nenhum ano.

**Carlos Gomes:** Entrou em 1968 e concluiu em 1971. O senhor chegou a ser preso, não?

**José Willington Germano:** Não, cheguei não.

**Carlos Gomes:** Chegou a ser processado.

**José Willington Germano:** Não, também não. Só esse de 1964, o do grupo dos onze. Do grupo dos onze. Depois não. Mais bem, naquela época viver no país, precisa ver o que era viver no país naquela época. Bastava você ver três fardados para você ter medo. Porque a censura, o medo estava disseminado em toda a sociedade, em banco, em bares, em sala de aula e assim por diante. É claro que o ensino sofreu uma censura muito grande. Apesar de que, foi possível burlar a censura em grande medida, nós tivemos professores que sempre ministraram ensino crítico e que enfrentaram Itamar, por exemplo, um deles é *istemem artbox?* [Inaudível]. Professor de Geografia Humana, Geografia Econômica, que eu quero prestar aqui uma homenagem, um húngaro, professor de Geografia. Ele foi um dos professores símbolo de uma homenagem a esses que enfrentaram o autoritarismo e a ditadura. E enfrentaram também o que exista dentro da Faculdade de Sociologia e Política, com essa reviravolta. Bom, nós tivemos possibilidade de ter acesso a uma literatura crítica com relação aos estudos brasileiros, autores como Caio Prado Júnior, Werneck Sodré... Nós tivemos possibilidade de estudar, mas outros autores, não. Autor como Marx, por exemplo, como Paulo Freire, foram complementos varridos do universo de discussão do cenário universitário naquela época, naquele período. Depois eu me tornei professor da Faculdade de Sociologia e Política. Eu quero dizer que nesse interregno, eu trabalhei no Movimento de Educação de Base (MEB), eu fiz um livro sobre a “Campanha de pé no chão também se aprende a ler”, mas não trabalhei na “Campanha de pé no chão”. Posso se for o caso falar da repressão a Campanha. No momento em que eu fiz esse livro, já tinha trabalhado com os inquiridos, porque os inquiridos diziam às acusações que eram feitas a Campanha, a Educação, a leitura, ao livro...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Na época da campanha, você estava em Assú ainda?

**José Willington Germano:** Estava em Assú. E depois fiz um estudo de todo “ciclo militar” na área da Educação, são livros que está na terceira edição e na quinta edição, são estudos acadêmicos. Mas, muito bem: o que eu queria dizer a vocês é que eu atuei em outras esferas da Educação. Bom, antes mesmo de concluir o curso de graduação, eu atuei nas escolas radiofônicas, hoje se diria educação a distância, mantida pela Arquidiocese de Natal. Mas eu já trabalhei no MEB no período pós-golpe, já nessa época de 1967-68, um pouco depois de 68, e aí existia uma censura às aulas, eu acho bom dizer essas coisas porque hoje qualquer problema que há se diz que tá igual a ditadura aí eu digo: “esse povo não sabe o que é ditadura.” Qualquer problema que há, qualquer nove horas... Esse povo não sabe o que é ditadura, não sabe o que é ter um censor na sala de aula. Aqui na Universidade tinha o setor de Segurança da Informação funcionava na biblioteca nos últimos tempos, então veja só, até o ponto de um general dentro da biblioteca. Se aplica muito bem o que existia aqui na UFRN, pois bem, tinha um censor...

**Anchieta Jácome:** Você falando em censura em sala de aula, acontecia muito naquela época: aparecia aluno diferente na aula, assistia às aulas oito dias, desaparecia... Pelo menos na Faculdade de Educação isso era constante. Na aula, às vezes na aula de Jardeline Lucena, procura saber: “não, meu nome não tá aí não?” Em pouco tempo esse rapaz desaparecia.

**José Willington Germano:** Essas coisas aconteciam. Eu lembro uma vez que um aluno perguntou a um professor se o Brasil vivia uma ditadura, isso já lá na fase avançada. O professor fechou a porta, passou a chave e deu um “pito” no aluno. Jamais podia falar uma coisa dessas. Bom, mas eu quero dizer o seguinte: as aulas passavam numa censura, as aulas passavam sob o crivo da censura militar. Isso é ditadura. Quem viveu aquele período, eu sempre digo a meus alunos, se quiserem voltar pra lá, por aqui, acolá aparecem uns saudosistas, eu digo: “eu não quero passar lá cinco minutos”. Mas o que que nós fazíamos? Nós burlávamos o ensino crítico, nós, mesmo com toda a censura,

nós tínhamos as aulas presenciais e nós ministrávamos nas cidades, nas vilas, nas praias. E lá nós tentávamos fazer uma leitura crítica do mundo. Era uma forma de você burlar a censura. Mas, na realidade as aulas teriam que ir para uma censura militar, isso aulas de alfabetização. Bom, concluído o curso de Sociologia, eu nunca pensei em me tornar professor, mas o meu colega Alfredo certo dia disse: “olhe, tem uma vaga aqui de Sociologia, vai ter uma seleção, você podia concorrer.” Ele me incentivou muito, eu fui lá. Ingressei assim no magistério, nunca imaginei. E nós tínhamos também um professor, que foi o homenageado da minha turma, e depois eu vim saber que esse professor integrava. Era informante aqui da ASI, é um militar e depois eu vim saber que ele era informante da ASI, mas que ninguém sabia, tinha o comportamento muito certinho e tudo mais. Mariano, não é?

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Manoel Mariano, é aquele que...

**José Antônio Spinelli:** Só pra complementar: professor de Estatística.

**José Willington Germano:** Estatística, exatamente. Pois bem, ninguém sabia. Aí eu ingressei na Faculdade. A certa altura, quer dizer, o que é que acontece? Havia um processo de incorporação da faculdade de Sociologia à Universidade nesse momento. Já 1974,75... Então eu estava vendo nessa incorporação o que aconteceu: uma parte dos professores foi incorporada ao curso de Ciências Sociais, outra parte não foi incorporada; Eu, Alfredo, professor Antônio Spinelli, professora Ceiça Almeida... A justificativa era que nós não tínhamos graduação aqui na Universidade, era uma graduação que não era reconhecida e assim por diante. Fomos fazer pós-graduação, mestrado na Universidade de Campinas, primeira leva; o professor Alfredo foi nessa leva, Rinaldo Barros. Depois numa segunda geração fomos eu, Antônio Spinelli. E lá nós fizemos mestrado em Sociologia. A essa altura, 1977-78 já havia um clima de abertura política. E existia na Universidade de Campinas, que era vista como uma Universidade muito aberta, que os debates corriam sem repressão. Isso levou que essa Universidade concentrasse um número de estudantes muito grande de todo o Brasil e mesmo da América Latina. Nós fomos pra lá. Foi aí que nós ingressamos na UFRN. Eu ingressei na UFRN em 1978, acredito que Antônio Spinelli também. Bem, aqui na

Universidade, em 1978 nos vivemos um momento de reconstrução democrática. Eu volto a me reencontrar com o professor Ivis, meu querido amigo, justamente nesse momento, de reconstrução da ADURN. Pra mim foi um dos momentos mais bonitos aqui da história da Universidade e a construção da democracia, foi a aquele momento de construção da ADURN cujo primeiro presidente está aqui, o professor Hermano Machado Ferreira Lima. E lembro muito bem daquela assembleia na Escola de Música. E de todas as dificuldades que aqui ocorreram. Claro que ele pode falar muito mais que eu. Então aí veio uma militância muito grande, a Universidade vivia um conflito muito grande nos departamentos, nos centros, e esses conflitos decorrentes justamente... É um momento que tem muitos professores visitantes, professores vindos de outras universidades, esse movimento começou na época do reitor Domingos Gomes. Então, não somente possibilitou que muitas pessoas fossem estudar fora, fazer pós-graduação, como também houve uma abertura de muitos visitantes... Então isso gerou um “fermento social”, um calor cultural e político muito grande, que decorreu da fundação da ADURN. E aí seguiram mobilizações, greves, assembleias concorridíssimas, na qual havia uma tensão muito grande entre um grupo que buscava renovação, buscava a democratização e o grupo que era herdeiro de todo esse contexto passado, não diria nem “passo”, desse contexto autoritário. E eu vejo, eu acho interessante quando eu participo das assembleias da ADURN, eu vejo que alguns colegas que participavam eram bem reticentes com relação às bandeiras levantadas naquela época, era até contra aquelas bandeiras. Tinha posições extremamente conservadoras, não sei nem se é conservadora, talvez mais do que isso. Muitos desses colegas hoje são revolucionários. Pessoas que estavam encasteladas na gestão de Genário Fonseca, eu vejo, hoje são pessoas revolucionárias aqui na Universidade, contra neoliberalismo, e assim vai. Então, a minha vida aqui na UFRN, ela se dá mais como professor. Mas, é claro, os ecos do que se passava aqui chegavam a toda a cidade, chegavam a todo o estado do Rio Grande do Norte. A UFRN foi uma das universidades que tiveram reitores militares, então é preciso chamar a atenção isso. Outras tiveram também, universidades importantes, e isso repercutiu na militarização e na repressão das estruturas administrativas. O menor movimento, a contratação de professores... Menor movimento era alvo de sim, de vigilância, de averiguação etc. Essa foi a época de Genário. Algumas Universidades, vocês sabem, foram invadidas. Uma das que foram invadidas foi a Universidade de

Brasília, uma das invasões foi comandada pelo coronel Darci Lázaro. Nessa invasão, 200 professores se demitiram, como a de Minas Gerais, como a de São Paulo. E depois, como professor, eu vou pegar o período democratizante, na qual o cerceamento vai haver, porque não havia possibilidade de formação sindical, nem mesmo de associações. A luta não é essa ansiedade. Quero dizer aqui que a luta em favor da democratização ganha espaço na sociedade brasileira, penetra na Universidade e a Universidade vai ser um baluarte. O movimento estudantil na minha época teve um papel muito importante, também o movimento estudantil secundarista. Participei, quero dizer aqui, de alguns encontros de estudantes em âmbito regional, como aconteceu em Recife. Sempre em casas de padres... Aqui no Rio Grande do Norte participei de eventos clandestinos, antes abrigados pelo padre Tiago lá em Bom Pastor, ali eram sítios. Havia essa contradição: setores de esquerda se identificando com a ala progressista, do catolicismo. Se os estudantes tiveram esse protagonismo no pré-64 e depois no pós-68, com 68 acaba completamente o movimento estudantil, o Congresso da UNE em Ibiúna com centenas de estudantes. Vem o AI-5 e vem o Decreto-lei nº. 477. Diz Zuenir Ventura: “um ano que não terminou”, porque foram mobilizações em todo o mundo. É o ano do “maio francês”, é o ano da “primavera de praga”, é o ano das grandes mobilizações nos Estados Unidos contra a Guerra do Vietnã. No Brasil, mobilizações durante todo o ano. Mas o “ponto H” do movimento estudantil, no meu ver, termina aí. No processo de democratização, quem vai ter um papel fundamental é o professorado, no meu ver. No que diz respeito à democratização das estruturas universitárias e no que diz respeito à redemocratização do país, são incompletas, vamos dizer assim. E para isso os estudos acadêmicos contribuíram muito, não somente a militância, mas um papel muito grande da pesquisa acadêmica nos estudos críticos, não apenas do período, mas na revisão crítica da História brasileira. Esse foi um momento importante. Eu acho que hoje tanto estudantes como professores, eles perderam esse protagonismo, é outra conjuntura, é outro contexto, é outra situação em que esses autores hoje não têm a dimensão que existiu em outro momento na história do país. E eu gostaria de dizer que a minha contribuição é muito modesta.

**Carlos Gomes:** Professor, o senhor falou de um fato que eu gostaria de esclarecimento só para complementar, porque nós, da Comissão, nós estamos levantando dois casos que

vamos propor uma revisão, é o caso de um funcionário e é caso do professor Rinaldo Barros. Nós estamos fazendo um dossiê, um processo. E a respeito do professor Rinaldo, há um episódio que me parece tanto o senhor como ele estão vinculados. Rinaldo também foi um dos enviados para São Paulo para fazer um mestrado. E foi o único que não foi contratado porque perderam o processo. Tem alguma informação, alguma ideia do que aconteceu? No caso do professor Rinaldo?

**José Willington Germano:** Sinceramente não, não tenho. Certamente, claro que no meio dessa conjuntura adversa, repressiva, não é...

**Carlos Gomes:** O interessante é que no dia que ele prestou depoimento, eu fiz essa indagação. Ele disse: “eu não requeri, não insisti não Universidade para ser contratado.” Mas depois ele descobriu, ele requereu. Logo na época. Perderam o professor. Ele hoje está na Justiça. O advogado dele é o professor Diógenes da Cunha Lima. Só que eu vi texto jurídico e não há nenhum pleito de reintegração ou reingresso na Universidade, não há. Há outras coisas. A professora Maria Laly, ela pediu demissão, mas veio aqui. Ela na França veio ao Brasil e pediu o poio de uma comissão da Universidade, eu acho que era Daladier na época. Eu presidi essa comissão. E nós fomos verificar e fomos a Genário. Ela alega que foi obrigada a pedir demissão. E ele deu uma declaração que foi. E nós pedimos reintegração dela, e ela foi reintegrada.

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** O caso do professor Rinaldo... Eu não vou, eu não vou aqui afirmar com convicção absoluta, seja só: parece-me que quando da federalização da Faculdade de Sociologia e Política em dezembro de 1975, houve algumas discrepâncias, algumas coisas que não deu pra entender. Por exemplo, era como a China antes de Mao Tse-Tung: todos mandavam na China, menos os chineses. Então, você veja bem o seguinte: o cara formado em História, Geografia e Direito etc., imediatamente eles foram contratados, passaram para o quadro da Universidade. Está certo? Nós, os verdadeiros “filhos legítimos”, nós da saudosa Faculdade de Sociologia e Política, não, por esse impedimento que o doutor Ivis colocou. Quem dirimiu essa dúvida foi o doutor Otto de Brito Guerra. Veja só: havia uma grande dúvida quanto a Faculdade de Sociologia e Política, o seu direito, se era uma instituição de direito

pública ou se era uma instituição de direito privada, quando doutor Otto sabiamente, pra variar disse: “não, é uma fundação de direito privada no serviço público, exato”. Por que ela era uma fundação privada? Porque ela tinha organismo que supostamente financiava, como era a gráfica, como era o Instituto de Pesquisa etc. e pública porque recebi dotação orçamentária, inclusive ações de Petrobras etc. Então, nesse sentido, a grande dúvida era se era reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação ou se era reconhecida pelo Conselho Federal antigo, está entendendo? Então nisso residuiu, por exemplo, o professor Willington, o Antônio Spinelli, o Rinaldo, não saíram contratado.

**José Willington Germano:** Você também.

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Eu saí. Eu saí contratado. Sabe por quê? Porque o Chefe de Gabinete disse: “como é que a Universidade vai fazer um contrato aqui pra dar uma bolsa pra você?” Porque eu já tinha sido selecionado no mestrado. Tinha sido selecionado em outra instituição, a Embrapa, aí eu fui mostrar pro reitor. A essa altura, eu tinha cacique, se quiser que eu vá pela Universidade eu vou, se não eu vou pra Embrapa. Aí o reitor disse: “não, faz o contrato.” Aí o Chefe de Gabinete disse “como o contrato de uma bolsa? Eu vou fazer o contrato de um bolsista? Não isso não existe, não, eu vou fazer contrato de você como professor.” Eu não ia dizer que não. E ele assinou e tudo mais, foi um “desvio de um desvio”. Então aconteceu tudo isso. No caso do Rinaldo, parece-me que um primeiro momento ele recebeu bolsa. Depois a bolsa foi cortada. Em seu favor tem lá o relatório da Universidade dizendo que quando ele terminasse o curso da pós-graduação, ele viria pra Universidade. Então ele estava a serviço da Universidade. É isso que o vai favorecer na anistia.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Carlos, você pode esclarecer isso. Eu acho que ele recebeu a bolsa toda, eu acho que ele não conseguiu foi a contratação.

**Carlos Gomes:** Não, suspenderam, mas depois ele conseguiu. Chegaram a suspender. Agora, a promessa, inclusive o compromisso verbal de que ele seria contratado, isso aí não tem documento. Ele teria de firmar o compromisso de voltar para ensinar na

Universidade. Só que quando ele chegou perderam o processo dele, então ele requereu novamente e acabou-se.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** E ele alega que foi político, mas parece que não na época. Quem era o reitor na época que vocês foram contratados? Domingos, sim? Parece que ele deu a entender isso aqui que Domingos achou você menos perigoso do que ele [risos].

**Carlos Gomes:** No depoimento ao “Memória Viva”, ele fala do caso da expulsão de Rinaldo e ele já fala nas conotações políticas até com o termo que eu gostaria que vocês vissem. Há um temo lá bastante pesado...

**José Antônio Spinelli:** Deixe-me fazer um adendo: primeiro nós saímos, eu e Willington, saímos para fazer o Mestrado na UNICAMP em 1977, no início de 1977, antes de viajarmos viemos aqui, tivemos uma entrevista com reitor Domingos Gomes de Lima a situação foi relatada: nós somos professores da Fundação José Augusto, houve a incorporação pela Universidade, os professores foram contratados, foram admitidos na Universidade e nós discriminados, sob a alegação que havia dúvidas. O curso havia sido reconhecido pelo MEC, alguma coisa assim, e, sob essa alegação, a Universidade não nos contratou. E aí, na conversa com o reitor, ele não considerou esse questionamento e disse o seguinte: “bom, vocês vão fazer o mestrado e eu contrato.” Fez o contrato e deu Bolsa etc. “Podem ir”. Nós fomos, e passamos um ano, não é, sem que esse contrato saísse, nem o contrato nem a bolsa. Passamos um ano sem o contrato e sem a bolsa. E veja bem: minha esposa, que é contemporânea de Anchieta na Faculdade de Educação, havia ido também para ir fazer o Mestrado em Educação e imediatamente recebeu a bolsa. E nós que tínhamos esse vínculo, não fomos. Só em março de 1978, depois de muita pressão nossa, é que saiu o contrato ainda parcial, com 20 horas. E a bolsa da CAPES. Eu e Willington voltamos em 1980, passamos a ministrar aulas e Alfredo só veio bastante tempo depois, eu não sei agora por qual razão. Eu não sei se você pediu licença e continuou em São Paulo ou se você...

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Não. O meu contrato não foi renovado.

**José Antônio Spinelli:** Ah, ele não foi renovado.

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Eu fiquei em Campinas, depois fui anistiado.

**José Antônio Spinelli:** OK.

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** O meu contrato não foi renovado. Aqui a ASI do MEC vetou. E depois eu vou mostrar pra vocês como as ditaduras – sejam elas de direita, sejam elas de esquerda – como elas “vergam a coluna vertebral” do cidadão, no dia 22 de março, um sábado, perdão, 19 de março, eu estive com o reitor, o senhor Domingos, eu estive com ele para dizer que estava com 20 horas, todo mundo sai com 40 horas, com dedicação. Ele enrolou pra cá, enrolou pra cá, mas pela conversa... Muito bem, isso foi no dia 19 de março. No dia 22 de março numa terça-feira que eu tava com passagem marcada. Veja bem, eu estou dando isso, são dados factuais, eu não posso estar inventando isso. E está aqui o documento 22 ele negando a minha a minha recontração. Ele poderia ter tido pra mim, e eu iria agradecer, ficar amigo dele permanentemente, se ele tivesse dito pra mim: “olha professor, veja bem, tem aí uma determinação da Assessoria de Segurança da Informação do MEC dizendo que não renove o seu contrato, você me desculpe, eu fiz tudo para ver se podia para “quebrar o galho”, segurar, mas não deu. Estou te avisando que você não vai ser recontratado, se você quiser voltar, está certo?” Veja só, veja só, aquilo muda a minha vida. Em um dado momento eu tenho que pagar aluguel, comer etc., sem um tostão se quer.

**Anchieta Jácome:** Porque eu não sou maçom. A maçonaria fez um trabalho muito grande através de um homem chamado Ticiano Duarte. Ticiano contactou Deus e o mundo, e eu tenho certeza que isso contribuiu muito para que eu não fosse preso e tivesse levado muita paulada...

**Carlos Gomes:** Está certo.

**José Willington Germano:** Eu gostaria de chamar a atenção que é o seguinte: o fato da UFRN não ter nos contratado alegando que eram cursos não reconhecidos, Faculdade não reconhecida, mas a UNICAMP nos recebeu, em nenhum momento a UNICAMP questionou...

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Nenhum momento.

**José Willington Germano:** A UNICAMP não questionou: “não tem reconhecimento, não tem reconhecimento...” E assim por diante, quer dizer: é interessante chamar a atenção para esse fato.

**Patrícia Wanessa de Moraes:** Só uma dúvida sobre sua contratação na UFRN: é por ocasião da bolsa na UNICAMP foi estabelecido um contrato e na volta....

**José Willington Germano:** Foi o seguinte: eu acho que Antônio Spinelli acabou de explicar... A contratação foi no retorno em 1978. No primeiro ano, passamos um ano em Campinas, de março de 1977 a março de 78. Em 1978 foi que ocorreu a nossa contratação com 20 horas. E eu passei muitos anos com 20 horas pra ter depois 40 horas. E depois dedicação exclusiva... Muito tempo...

**José Antônio Spinelli:** Uma pequena correção: o contato com o reitor Domingos foi feito antes da viagem pra Campinas.

**José Willington Germano:** Não, eu sei...

**José Antônio Spinelli:** Foi prometido tanto o contato como a bolsa porque esse era um procedimento comum naquela época, mesmo para quem não tinha vínculo, porque nós tínhamos o vínculo da Fundação José Augusto, era direto e os professores da Fundação José Augusto haviam sido incorporados, mas mesmo quem não tinha vínculo nenhum, procurasse o reitor e informasse que iria fazer uma pós-graduação numa área compatível com os cursos da Universidade, ele contratava, dava bolsa, tinha dotação de bolsa, era

generosa etc. E ele prometeu. Apenar disso, foi adiado por um ano só no ano seguinte, ainda assim parcialmente, porque o contrato era de 20 horas.

**José Willington Germano:** Eu nem esperava. Eu não tinha bolsa lá, porque eu era funcionário da Secretaria de Educação. Foi isso que me impossibilitou a minha manutenção em Campinas porque eu era funcionário da Secretaria de Educação do Estado e a Secretaria de Educação me liberou para fazer o curso. Então, agora 20 horas, eu nem esperava mais que esse contrato fosse sair. Daqui que eu passasse para 40 horas. Houve uma estrada, um tempo razoável. E uma coisa que eu gostaria de salientar foi isso que Anchieta falou: eu acho que é o momento também de prestar homenagem a essas pessoas que hoje estão esquecidas e às vezes até nós denegrimos em muitos momentos, essas pessoas que tiveram momentos de muita coragem e muita humanidade, num contexto como esse que eu contei, de muita adversidade. Só sabe o que é uma ditadura quem viveu, essa é que é a verdade. Só sabe o que é uma ditadura quem viveu. E eu acho que eu vejo que Eric Hobsbawn, um grande historiador. Ele dizia que os estudantes de hoje quando chegam a universidade, para alguns estudantes a Guerra do Vietnã é Pré-História. Eu diria que para os nossos estudantes, o regime militar é Pré-História. E outra coisa, as sequelas estão aí, por incrível que pareça.

**Almir Bueno:** Eu gostaria de fazer uma observação, professor Carlos Gomes...

**Carlos Gomes:** Pois não...

**Almir Bueno:** Em primeiro lugar, aproveitando aí a deixa de doutor Ivis quando ele apresentou, eu também gostaria de registrar aqui a satisfação de ouvir os depoimentos de hoje. Na figura do professor Willington, professor Alfredo, professor Hermano que foram professores que quando eu entrei aqui na UFRN, no começo dos anos 1990, vindo do departamento de História, eu acabei entrando em contato. Pelas atividades acadêmicas, pela as atividades na ADURN também. A gente chegou a fazer uma espécie de interdisciplinaridade, digamos assim, História, Ciências Sociais, Filosofia... Então aí também deixar registrado a satisfação em tê-los aqui na Comissão e a certeza

que os depoimentos são bastante válidos. Eu só queria fazer uma observação, Willington, não é nenhuma correção, mas talvez assim na rapidez do seu depoimento a respeito do protagonismo dos estudantes, dos professores, você colocou a questão que, depois de 1969, os estudantes não foram mais os protagonistas; ao final dos anos 70, início dos anos 1980, o protagonismo é dos professores. Eu só queria deixar registrado porque aí entra também a minha experiência pessoal. Eu não estava aqui no Rio Grande do Norte, estava em São Paulo. Realmente, nos primeiros anos dos anos 1970, até por conta da repressão, o recrudescimento da ditadura, os estudantes e toda a oposição ficou cerceada, mas a partir de 1976, 1977 os estudantes retomaram um pouco a ideia do protagonismo contra a ditadura. Eu entrei na Universidade de São Paulo em 1977, no ano anterior tinha havido a morte do Alexandre Vannucchi Leme, que hoje é o nome do DCE da USP. De lá até 1981, quando eu saio da universidade, os estudantes chegaram até um papel eu acredito relevante nessa... Já é o período final da anistia, então aí acho que também era um registro, achei que era necessário fazer. E mais: no começo dos 1980, com a reorganização do PT, das associações docentes... Ângela está aqui, Ângela é a atual presidente da ADURN, ela pode dar esse depoimento. Então assim, finalmente aí eu concordo com você que hoje nem estudantes e professores podem ser considerados protagonistas no processo. Mas assim, nesse período final dos anos 1970, eu acho que houve, os estudantes se reorganizaram, a própria UNE... Era essa a observação e também mais uma pergunta em relação a essa atuação no início no final dos anos 70, começo dos anos 80, nessa militância já como professor, você teve conhecimento assim mais objetivo de pessoas perseguidas, professores que possam ter sofrido perseguições mais acintosas digamos assim, mais diretas....

**José Willington Germano:** Bom, em primeiro lugar, talvez seja melhor eu esclarecer minhas palavras [risos] quando disse que existia um protagonismo do movimento estudantil. É que eu me lembro de todas aquelas enormes ações que foram feitas no pós-64 e aquelas passeatas capitaneavam a insatisfação dos setores antiditatoriais. É nesse sentido que eu quero dizer, eram os estudantes, e o movimento estudantil foi destruído não é que pelo Exército, ele foi destruído pelo AI-5, que foi a ditadura com “D” maiúsculo. Ele foi destruído. Quando eu disse que ele perdeu o protagonismo, eu estou me lembrando, viu, Almir, de uma época que eu vivi, e a época que eu vivi era a

Passeata dos cem mil. Depois, é claro que os estudantes se incorporam pelas lutas de redemocratização, vão ter força e tudo mais. Mas o contexto do país era outro, o país se diversificava, se complexava, outras forças emergiram e tudo mais. Eles vão se integrar a essas forças democratizantes, mas talvez não com a visibilidade, com a minha visão que tiveram antes, no “fora Collor”. ..

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Só pra interromper você, é uma opinião minha, não sei se você concorda. Houve um hiato sim, mas depois houve a recuperação. Mas houve um hiato que foi proporcional ao destronamento, foi essa a expressão que você usou...

**José Willington Germano:** Sim, sim.

**Carlos Gomes:** Eles eram proibidos de ter as agremiações...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Exatamente. Grande parte das lideranças ou foram assassinadas ou foram exiliadas, se exilaram, então houve esse hiato porque...

**José Willington Germano:** Houve uma repressão pessoal contra as lideranças e houve a natura inibição da...

**Almir Bueno:** E a volta a partir de 1976-77 também... São momentos diferentes mais foi equivalente aquele ao final dos anos 60 [risos].

**José Willington Germano:** Não, eu acho assim aqui também tem que ter mobilizações estudantis fortes também: invasão da Reitoria e tudo mais... Mas a minha avaliação é que elas não tiveram a magnitude, é nesse sentido que eu quero dizer. Porque os estudantes tiveram certo protagonismo mesmo de canalizar...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Mas Willington, eu acho que nós estamos falando a mesma coisa, só que é uma questão de cronologia. É que no movimento estudantil a recuperação é mais lenta. Porque é uma nova geração.

**José Willington Germano:** Sim, é claro, claro. Bom, Almir fez uma pergunta sobre ASI, essa coisa toda. O que eu tenho a dizer a você é o seguinte: quando eu ingressei como professor aqui na UFRN, era um contexto de abertura política de muitos daqueles dispositivos muito elevados de repressão. Eles estavam sofrendo um processo de abrandamento. Mas isso não significa dizer que a repressão tenha desaparecido, tanto é assim que aconteceram muitas mortes de figuras importantes, inclusive Luiz Maranhão, que morreu no período Geisel, em plena abertura. Eu não posso, eu não lembro um caso assim pessoal de alguém que foi perseguido. Agora lembro sim a presença da ASI nas contratações. Isso aí é patente, não é? Talvez os colegas possam dizer mais do que eu, o próprio Ivis pode dizer melhor do que eu porque já tinha uma partição na vida universitária anterior a nós. Mas sim, a contratação passava por todo esse processo de ASI. A história de pessoas que foram demitidas, de pessoas que não foram contratadas, isso aí existia. Agora eu não vou dizer a você: “fulano de tal”, não me recordo. É possível que esse nome tenha existido e várias pessoas que não foram contratadas passavam no concurso. O nome que eu lembro muito bem é do pastor José Fernandes Machado. Lembrei agora. Um grande nome, passava nos concursos, não somente como professor, mas como juiz.

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Juliano Siqueira, Jailson.

**José Willington Germano:** Pois bem, então. Isso aconteceu. E são figuras silenciosas que percorriam a Universidade. Eu também quero fazer referências muito agradáveis a nossa convivência na Universidade...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu tenho uma pergunta a vocês pra ver se meu raciocínio está correto. Vocês três, me parece que foram vítimas do mesmo mecanismo, do mesmo processo, a minha pergunta é o seguinte: será que essa

“invenção” fora vocês três, tinha mais alguém que não foi contratado por não possuir o “perfil ideológico”?

**José Willington Germano:** Sim, sim, vários. Uma delas é Ceíça Almeida...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Possuir o “perfil ideológico”... Teve alguém que teve a contratação como professor recusada?

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Eu acredito que não. Aqui havia o controle por parte da ASI sim, no caso específico, eu acredito que não. [Inaudível]. Eu não conheço nenhum caso. Por exemplo, eu sei de um colega nosso que tinha uma participação ou que teve participação, porque era simpatizante e tudo mais da esquerda e foi contratado sem problema nenhum [Inaudível].

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Viu, Alfredo? Eu vou repetir a minha pergunta: houve mais alguém fora vocês três e Ceíça, também tenha o mesmo perfil?

**José Willington Germano:** Era uma pessoa muito próxima. Muito próxima. E uma pessoa que tinha atuação no movimento de Igreja, Ceíça Almeida...

**José Antônio Spinelli:** Eu acho o caso de Jorge Batista, você tem conhecimento? Era professor da Faculdade de Comunicação, Jornalismo, chamava-se Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza.

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Não. Eu recebi essa comunicação, eu recebi num dia, ele recebeu no dia seguinte. O Jorge ele saiu contratado também, aí não houve a recontração...

**José Antônio Spinelli:** Não houve a recontração?

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Não houve a recontração.

**José Antônio Spinelli:** Pois é. E o Jorge tinha militância política...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É exatamente isso, me chamou a atenção fazer essa pergunta por que você me falou que você foi contratado, não foi recontratado.

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Mas não fui recontratado por [Inaudível].

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Eu sei, eu entendi, mas aí não foi recontratado. Eu não estou aqui com terrorista não, certo? [risos] Terrorista no julgamento deles, mas eu estou achando que o perfil foi o mesmo.

**José Antônio Spinelli:** Eu acredito que sim. Nós aqui, mais Rinaldo, mais Ceíça Almeida... E Jorge Batista... Foi o caso de Ana Valdereis também?

**Antônio Alfredo:** Mas o Jorge na época a militância dele tinha sido de esquerda da pesada, tinha sido mais fora. São Paulo, Rio, Minas Gerais...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Sim, mas era conhecida a militância.

**José Antônio Spinelli:** E o Jorge fez um trabalho político importante pela Faculdade de Jornalismo no Morro de Mãe Luíza...

**José Antônio Alfredo:** Exatamente.

**José Antônio Spinelli:** Ele fez, criou um jornal, fundou o jornal “laboratório” que era voltado pra Mãe Luíza.

**Antônio Alfredo Santiago Nunes:** Xeque-mate.

**José Antônio Spinelli:** Xeque-mate, exatamente, é o criador do Xeque-mate.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** É, estou achando que está claro, que houve este processo que na época era um pouco velado. Teve, estou supondo, teve o primeiro pretexto porque não tinha graduação dentro da Universidade. Aí depois quem foi contratado não foi recontratado. Então houve, pra mim houve...

**José Antônio Spinelli:** Foi sendo postergada.

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Postergada. Para mim houve um processo claro de perseguição ideológica.

**José Willington Germano:** Para mim houve também um fato interessante, embora [Inaudível]. Que foi um curso de Especialização em pesquisa social ministrado aqui na Universidade. Eu era professor de pesquisa social junto com o professor Alfredo da Fundação José Augusto. Como professor, vim me inscrever e não fui aceito. A alegação também foi essa e tudo isso há essa suposição. Na época de Genário e a frente desses cursos, nós somos os revolucionários de hoje [risos].

**Mayane Ranice Costa da Rocha:** Professor?

**Carlos Gomes:** Pois não.

**Mayane Ranice Costa da Rocha:** Boa tarde. Em sua fala, o senhor falou um pouco sobre sua atuação como professor e citou à ADURN. Eu me lembrei de uma reportagem que eu vi essa semana aqui na bolsa, que fala sobre a questão da ADURN e inclusive cita o professor Hermano Machado. Eu gostaria dessa oportunidade para falar um pouco sobre essa reportagem da *Tribuna do Norte*, 02 de setembro de 1979, que fala assim: “Professores da UFRN renegam à ASI”.

*Os professores da UFRN são frontalmente contrários à permanência da Assessoria de Segurança e Informação, ASI, porque a consideram fruto de uma invasão do estado na via particular do cidadão e isso não mais se admite, hoje quando o país caminha para a*

*democracia. A informação é do professor Hermano Machado, presidente da recém-fundada Associação dos Docentes da UFRN, ADURN. Ele acha que à medida que a sociedade retoma suas atividades democráticas, não há necessidade da existência do organismo de segurança, acrescentando que se o Reitor quer informação, utilize a assessoria de imprensa.*

**Mayane Ranice Costa da Rocha:** O que se observa em outras reportagens é que o reitor, eu acredito que seja Diógenes, que ele tinha uma necessidade de dizer: “não, à ASI não vai mais ter essa questão investigativa, é só pra informação, é só pra questões administrativas”. Aí a pergunta que eu faço tanto pro professor José Willington ou então para o próprio professor Hermano Machado: é como à ADURN entendia esse posicionamento por parte do professor Diógenes? Já que um dos objetivos da ADURN era realmente a retirada da ASI e o professor Diógenes se colocava contrário, como à ADURN via isso?

**José Willington Germano:** Acho que o próprio professor Hermano, é pergunta pro professor Hermano...

**Hermano Machado:** Bom, boa tarde a todos. Eu quero inicialmente dizer do meu contentamento da criação dessa Comissão da Verdade, que era uma coisa que a vinha pensando há muito tempo. Eu me lembro que quando a USP escreveu *O livro negro da USP*, nós pensamos em fazer algo parecido aqui na UFRN. Até porque como Willington estava lembrando, a repressão aqui era muito velada. Nessa época, em todo de 30 a 35% da população do Natal, ou era de militares ou de dependentes de militares. Só regimentos nós temos dois. Fortaleza, hoje uma cidade com dois milhões e meio de habitantes não tem um regimento. Nós tínhamos dois, o de Infantaria que ainda hoje está lá e o de Obuses, que não é mais Regimento, agora é Batalhão. Batalhão de Engenharia e o Batalhão de Defesa Costeira, mais o Distrito Naval e mais o na época era CATRE. Esse CATRE teve uma influência muito grande, ele treinava pilotos da Aeronáutica. Eles eram treinados uma fase em Pirassununga e depois eles viam pra cá para um período mais avançado. E isso implicou de uma vinda de um número enorme de oficiais aviadores, cadetes e oficiais aviadores que eram os instrutores desses cadetes.

Então isso que o Anchieta estava falando... Estava no meio do semestre, aí apareceu um fulano. Depois a gente descobria né, quando o cara chegava de bigode. O número menor de informantes era da Marinha, apesar de haver o Distrito Naval pra permanecer. Então eles ficavam algum tempo. Então a ASI funcionava em dois polos: um como Instituição dentro da Universidade, colhendo as informações dentro da Universidade; e outra que eram os serviços secretos da armas que tinham relações com a ASI, na época já tinha Polícia Federal. Aí o que é que nós achávamos: A ASI tinha um setor, uma sala aqui...

**Carlos Gomes:** Vizinho à Reitoria, na biblioteca.

**Hermano Machado:** Lá na Salgado Filho, era na parte de trás, houve uma ampliação lá, teve uma sala no primeiro andar. Embaixo era a Pró-Reitoria de Assuntos Acadêmicos e em cima era a ASI. Teve uma vez que eu precisei de uns documentos e eu precisava botar o número do meu título de eleitor, e eu fui lá, na ASI. Aí o cara me deu o número do meu título de eleitor. Depois o Zacqueu me chamou: “Olhe, Hermano, eu queria lhe falar que esse tipo de coisa não se repetisse, porque o nosso serviço de informação não é bem pra isso.” Mas, um serviço de informação que não tem os dados básicos [risos]...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Ele quis dizer que o serviço era só pra prejudicar, não era pra ajudar [risos].

**Hermano Machado:** Bom, quando a Reitoria veio pra cá, veio pra Biblioteca. E lá embaixo funcionava a ASI. Era institucionalizada, fazia parte da estrutura acadêmica. [Inaudível]. Sabia, tinha placa lá, todo mundo sabia que ele foi o primeiro chefe da ASI, depois foi o Adriel, depois eu já não lembro mais quem foi.

**José Willington Germano:** Mas Hermano, um desses assessores, ele dizia publicamente; “Assessor do Serviço de Segurança e Informações”. Ele aparecia ostensivamente... Entendeu? Depois ficou completamente submerso.

**Hermano Machado:** Depois que nós politizamos, a questão era denunciar que tinha um serviço de informação que vigiava os professores, que vigiava os alunos. E criou-se com esses fulanos assim de paraquedas, você criou um clima dentro da sala de aula, o aluno não se expunha porque ele não sabia se algum colega era do serviço de informação ou se o professor era, porque tinha muitos professores militares. Muitos, não eram poucos não: Zacqueu, Genário, Mariano, Lúcio... Uma infinidade deles, sobretudo os de patentes mais baixa, porque eram os que ficavam aqui. Os oficiais tinham uma rotatividade grande. Então você...

**Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade:** Naquela disciplina de EPB tinha muito militar.

**Hermano Machado:** Aí você criou aquele clima na Universidade. O aluno não se expõe para o professor porque não sabia se o professor era um informante ou não. E não sabia qual dos colegas que estava ali como informante. Então você criava um clima de instabilidade e tensão dentro da sala de aula que era horrível, e precisava a pessoa ter certa dose de coragem pra enfrentar. E aí, nós aproveitando que o reitorado estava dentro do campus, e então a ASI não era lá na Salgado Filho, era aqui dentro, então nós pulverizamos a questão. Primeiro, para todo mundo ficar sabendo que existia um serviço de informação, que atuava vigiando aluno e professores, quando você se inscrevia no vestibular, você respondia um questionário imenso. Quando passava no vestibular, aquilo virava um dossiê. Os movimentos estudantis, por exemplo. Os centros acadêmicos praticamente não funcionavam porque ninguém queria se arriscar. A UNE foi posta na clandestinidade, os congressos da UNE eram clandestinos. O DCE servia pra dar carteira de estudante, porque nem o ticket do restaurante era mais do DCE, era aqui na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. Então, esvaziou enormemente. O movimento estudantil não tinha porque você está fazendo debate. Debate de quê? Porque que brasileiro não lê? Porque você passou 30 anos, uma geração inteira sendo proibida de ler. As tiragens dos livros foram caindo ano a ano, sistematicamente, livro, jornal, revista, tudo isso foi caindo. E você também não ficava estimulando os alunos a ler isso, ler aquilo, porque você não sabia qual era a do aluno, ele podia ser um informante, como ocorreram vários casos. Teve um incidente com um aluno lá na

Farmácia. Então nós politizarmos a questão. Então foi por isso que eu dei essa entrevista dizendo que a ASI tinha que sair da Universidade. Claro que o reitor falava como administrador, até porque isso não dependia da decisão dele. O SNI era um órgão supraestatal. Supraministerial, supraestatal, tinha orçamento secreto e por aí vai. O chefe do SNI tinha *status* de ministro. O orçamento não era divulgado, ou era divulgado uma parte, a outra parte era secreta. O reitor falava como reitor, nós da ADURN falávamos como políticos, estou politizando a questão.

**Mayane Ranice Costa da Rocha:** Dando continuidade a questão, o que a gente observa é que o reitor da época, Diógenes, ele colocava essa questão do chamado “diálogo aberto” em sua campanha. A pergunta que surge nesse momento é se de fato ele atuava nessa campanha, se ele tinha essa política de “um diálogo aberto”?

**Hermano Machado:** Tinha, o Diógenes, até por temperamento, ele era um intelectual, poeta. Ele era bem mais acessível que os outros reitores. Porque o Domingos era muito ocioso no poder. O Genivaldo não sabia nem onde era a Reitoria, ele veio tomar posse lá na biblioteca quando a Reitoria já era aqui, chegou todo pronto pra tomar posse, não sabia nem onde era a Reitoria [risos].

**Carlos Gomes:** Olhe, eu queria lembrar a vocês que nós temos ainda outra pessoa aqui. Alguma pergunta para o professor Hermano? Aguardem que ele ainda virá aqui. Para professor Willington, podem fazer.

**Monique Maia de Lima:** Seria a mesma pergunta que nós acabamos de fazer sobre a Operação Diálogo, porque em várias reportagens, *Tribuna do Norte*, *Diário de Natal*, apresentam Diógenes como uma pessoa aberta. Na sua fala, o senhor enfatiza que os estudantes estavam reprimidos. Então eu gostaria que o senhor comentasse sobre isso, sobre essa posição dos estudantes na administração de Diógenes.

**José Willington Germano:** Como professor eu lembro o seguinte, veja só: Diógenes tem essa fama como uma pessoa aberta ao diálogo, mas na realidade, me permita um

pouco falar dessa forma, ele foi um reitor bastante autoritário no meu ver, um dos mais autoritários que nós tivemos aqui. Porque eu me lembro muito bem o processo eleitoral dele, houve uma reação muito grande. Não sei se o professor Hermano lembra-se, a eleição pra reitor era uma eleição indireta. E naquela época já existia o processo de abertura, luta pela redemocratização já existia ADURN e tudo mais. Houve uma reação muito grande à eleição de Diógenes e foi feita uma manifestação em frente à biblioteca. Ele foi eleito, criou um chamado projeto “Rio Grande do Norte”, chamou pra esse projeto alguns dos principais nomes da Universidade e de fora. Agora, no meu ver, ele teve uma postura muito autoritária. Os estudantes começaram sim, é claro, os estudantes tiveram um papel importante aqui na UFRN nesse processo de democratização, principalmente na época de Genivaldo, é que ocorre uma grande mobilização, na qual há a ocupação da Reitoria, na qual o deputado mineiro era uma das principais lideranças, Hugo Manso. Então eu penso que apesar da administração de Genivaldo... Mas, é lógico que ele dialogou, ele tentou dialogar, não é? Aqui na UFRN não foi feito um livro negro como foi feito nas outras universidades, como foi feito na USP, como foi feito na UFPB. Mas o livro “negro” daqui pode ser escrito ainda, decorrente desses processos.

**Patrícia Wanessa de Moraes:** Sobre o que o senhor falou da contração, que tudo passava pela ASI; nós pegamos documentações que revelam que coisas muito mais pífias passavam pela ASI. Se você ia se formar e ia dar o nome a sua turma, não só o orador, mas tudo isso, os homenageados, se fosse qualquer pessoa suspeita, a ASI já ia suspender. Você, Willington, recorda da ocupação do restaurante universitário em 1968? Eu achei interessante os dizeres no cartaz “alimentação de aluno é bala”.

**José Willington Germano:** Essa reunião, assembleia, na verdade foi em meio a essa crise. E isso foi uma assembleia noturna. E quando chegou a notícia do Ato Institucional número 5, eu me lembro sim. Essa foi uma mobilização para a melhoria do restaurante e da residência universitária. Foi um movimento muito grande, com passeatas inclusive, pelas ruas de Natal. E nós tomamos conhecimento do AI-5, eu morava na Deodoro mesmo, próximo ao restaurante. Vizinho a minha casa era o Comando Militar de Natal, eu tratei naquela mesma noite de queimar no quintal da casa

[risos], queimei um monte de coisas naquela noite. Então, meus amigos desapareceram, eu fiquei. Os canais políticos foram fechados de maneira tal e restou a esse grupo partir pra luta armada.

**Carlos Gomes:** Então eu concedo a palavra para o professor Willington, as suas considerações finais.

**José Willington Germano:** Bom, eu quero agradecer ao professor Carlos Gomes, saudar aqui os colegas, ressaltar mais uma vez a importância dessa Comissão, a importância desse momento de reconstrução histórica, de reconstrução da memória. O país que não tem memória tende a repetir os desastres do passado. Então só me resta dizer agradecer mais uma vez.

**Carlos Gomes:** Pois muito obrigado, professor.